

DUARTE, Thais Lemos. "Sentimentos de cárcere: análise das narrativas de mulheres de presos sobre o amor". *RBSSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 34, pp. 191-218, Abril de 2013. ISSN 1676-8965

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Sentimentos no cárcere Análise das narrativas de mulheres de presos sobre o amor

Thais Lemos Duarte

Recebido em: 20.08.2012

Aprovado em: 16.02.2013

*

Resumo: O objetivo desse trabalho é analisar as narrativas de mulheres sobre o amor por seus companheiros cumprindo pena de restrição de liberdade. Utilizo fragmentos de páginas da internet criadas por tais atores, com o intuito de compreender como elas definem o amor por seus parceiros. Antes da análise do material empírico, utilizo o ensaio de Simmel sobre o amor com vistas a definir conceitualmente essa emoção. Pelas narrativas analisadas, percebe-se que o amor não é o motivo único das mulheres de presos, se constituindo também como uma das justificativas para que elas mantenham uma relação afetiva em um contexto estigmatizante como o prisional. O amor não motiva de forma absoluta o ato, mas também o explica. **Palavras-chave:** mulheres de preso, sistema penitenciário, amor, motivação

*

Introdução

Tenho como foco nesse trabalho as narrativas de mulheres de presos sobre os sentimentos que possuem em relação ao companheiro que cumpre pena de prisão. Defino como mulher de preso cônjuges ou companheiras em união estável com os detentos. Pouco se discute ou se aborda esse grupo de pessoas. Até mesmo porque, como as condições prisionais brasileiras são muito precárias (ver Paixão, 1987; Magalhães, 2006; Thompson, 1993, 2004; Lemgruber, 1999), os estudos e as políticas que envolvem o cárcere se voltam quase sempre para o preso e para a administração penitenciária, sendo dada pouca ou nenhuma atenção a essas visitantes do sistema prisional.

Contudo, torna-se importante estudá-las, entre outras razões, pelo fato de as mulheres de presos estabelecerem articulações significativas entre o cárcere e a vida “do lado de fora” dos muros da prisão. Elas assumem um *status* de quase condenados, visto que experimentam, no contato com a instituição prisional, constrangimentos pessoais e impactos estigmatizantes. O simples ato de entrar como visitante em um estabelecimento prisional sujeita a mulher de preso a “prisionização secundária” (Comfort, 2003). Esse processo é resultado de uma versão mais fraca, mas ainda assim persuasiva, da vigilância centralizada e da limitação corporal que atinge os internos das unidades carcerárias sobre as mulheres de presos. Então, passar muitas horas da semana dentro da prisão, sujeitos à fiscalização e ao controle das autoridades penais, gera impactos às mulheres de presos. Com o tempo, essas pessoas mudam suas rotinas para adequá-las aos dias de visita, transformam suas formas de vestir para se confor-

mar às regras do cárcere e adotam o jargão penitenciário em suas vidas.

Com esta tendência a “cumprir pena junto”, as companheiras de presos e os internos criam sentimentos de proximidade e pertencimento dentro de um contexto segregado e controlado. Assim, para Comfort (2005: 1055), essa “dualização voluntária do corpo condenado”, que sofre os castigos da prisão, reforça a “prisionização secundária” das pessoas que não estão encarceradas, submetendo-as ao intenso escrutínio e domínio penais¹.

O texto se estrutura em quatro seções: a primeira diz respeito aos aspectos metodológicos que envolvem o trabalho; a segunda diz respeito a uma discussão mais teórica sobre o tema; a terceira expõe as narrativas das mulheres de presos; por fim, a última parte trata das considerações finais em relação aos principais resultados encontrados nesse estudo.

Considerações metodológicas

Ao realizar uma pesquisa na internet, pude encontrar algumas “comunidades” de redes sociais e páginas produzidas por mulheres de presos brasileiras que discutem e expõem seus sentimentos relacionados ao parceiro encarcerado. Acessei treze comunidades da rede social “Orkut”², formadas por mulheres de presos e dois blogs também

¹ Cumpre ressaltar, que, em geral, existem dois tipos de visitação nas unidades prisionais brasileiras realizados pelos familiares aos presos, sendo que a regulamentação desse tipo de visitação varia de estado para estado: as visitas comuns, feitas nos pátios das unidades prisionais; e as visitas íntimas, efetuadas em ambientes reservados da prisão, destinados à prática sexual entre os presos e seus cônjuges ou companheiros em união estável.

² O Orkut é uma rede social virtual criada em 2004 e se caracteriza como uma comunidade *on-line*, cuja principal característica é promover a interação entre pessoas e um “ponto de encontro” de amigos (Bezerra & Araujo, 2011).

desenvolvidos e voltados a esse grupo de pessoas. Os nomes das comunidades visitadas no Orkut são: “liberdade pro meu amor”; “eu amo um vida loka e daí”; “eu amo um presidiário”; “guerreiras de fé”; “ninguém fica preso pra sempre”; “presas pelo coração”; “meu marido/namorado está preso”; “amor que ultrapassa as grades”; “tamo junto até o fim”; “periculoso ou não é meu marido”; “as grades vão se abrir”; “cheega logo liberdade”; “saudade machuca”.

Já introduzo aqui que as falas analisadas dizem respeito, sobretudo, ao amor que as mulheres sentem por seus parceiros. A partir desse material, estudo as narrativas formuladas por tais atores sobre o amor por seus companheiros presos³.

Vale ressaltar que o material estudado não é representativo ao universo de mulheres de presos do Brasil. Ele é relativo a um grupo de pessoas que têm acesso à internet, participam de redes sociais e grupos de discussão e, ainda, emitem opiniões, bem como expõem suas relações afetivas com os companheiros presos na rede. O meu intuito, portanto, não é generalizar os dados e as análises realizadas nesse trabalho para todas as mulheres de presos do país, mas estudar esse grupo de pessoas de acordo com o recorte proposto.

³ Pela perspectiva do senso comum das sociedades modernas, a emoção é analisada como constituinte da singularidade psicológica do sujeito, sendo, portanto, refratária a elementos da natureza sociocultural. Nesse sentido, a emoção é pensada como fruto do íntimo de cada indivíduo e tem raízes particulares, de maneira que a sociedade e cultura não agem sobre ela. Contudo, um dos exercícios propostos nesse trabalho é desconstruir tal visão da emoção e analisá-la segundo uma abordagem socioantropológica (Rezende e Coelho, 2010).

Conceituação do amor

Simmel (1983) propõe uma distinção entre forma e conteúdo da sociedade, sendo isso uma espécie de metáfora para designar aproximadamente a oposição de elementos que se deseja separar. Guiados por seus interesses, os indivíduos foram levados a se agregarem entre si, convertendo-se em uma unidade, ou seja, ‘sociando-se’⁴. Nesse sentido, Simmel (1983) designa como conteúdo tudo que constitui os indivíduos, isto é, o instinto, o fim, a inclinação, o estado ou o movimento psíquico. Em outras palavras, tudo que seja capaz de originar ação sobre os outros indivíduos ou a recepção de suas influências. Já a forma é o modo, um formato por meio do qual aquele conteúdo passa a existir. Há incontáveis formas através das quais as motivações se realizam, como a guerra, a competição, o jogo, o casamento etc.

Por si só, os conteúdos não são sociais, de modo que a sociação só passa a ocorrer quando os indivíduos adotam formas de cooperação e colaboração, gerando a interação. Nem a fome, nem o amor, nem o trabalho, nem a religiosidade etc. são sociais, já que tudo isso se constitui como matéria de sociação. Esses conteúdos se tornam fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para o outro. De acordo com seus propósitos, os indivíduos dão a esses conteúdos determinadas formas e apenas sob essas formas eles os acionam e os usam como elementos da vida (Simmel, 1983).

⁴ Compreende-se por sociação a forma realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual realizam seus interesses (Simmel, 1983: 60).

Nesse sentido, a separação entre forma e conteúdo é uma mera abstração, já que uma não se dá sem o outro. “Nenhuma forma de sociação é imotivada, nenhuma motivação é amorfa” (Rezende & Coelho, 2010). Em qualquer fenômeno social, a forma social e o conteúdo constituem uma realidade unitária. Adicionalmente, os mesmos conteúdos podem gerar diferentes formas e vice versa. Não existe um conteúdo específico que produza uma forma particular, nem o contrário. Isso se torna claro quando se analisa que, apesar de possuírem fins e significações mais diversos possíveis, os grupos sociais podem estabelecer as mesmas relações formais dos indivíduos entre si.

A fim de aprofundar a análise sobre os conteúdos e formas sociais, torna-se necessário compreender o que vem a ser a “sociedade”. De um lado, a sociedade é um complexo de indivíduos em interação, sociados, ou seja, é um material humano socialmente conformado. Por outro, a sociedade também se constitui como a soma das formas de relação estabelecidas pelos indivíduos. Somente quando são estabelecidas relações mútuas entre os indivíduos é possível falar em sociedade.

Nessa direção, em uma definição mais ampla, sociedade significa a interação psíquica entre indivíduos (Simmel, 2006a). Ela existe onde os indivíduos estão em interação uns com os outros. Os laços de associação entre os homens são constantemente feitos, desfeitos e, por fim, refeitos, formando uma espécie de fluidez e de pulsação que atam os indivíduos entre si (Simmel, 2006a). A sociedade se constitui, portanto, como um curso incessante, sendo formada pela influência mútua e pela determinação recíproca que os indivíduos realizam uns sobre os outros.

Assim, a sociedade não é algo concreto por si mesma, mas, ao contrário, um eterno acontecimento. Não existe, por conseguinte, uma sociedade absoluta. Logo, não há uma condição prévia para que surjam os diversos fenômenos da união entre indivíduos. A cada criação de novas formas de interação, ou seja, a cada união, a cada formação de partidos, a cada refeição comum etc., os grupos vão se tornando cada vez “mais sociedade” que antes (Simmel, 1983: 65).

Ao passo que flui continuamente, a sociedade, a vida, apresenta certa aspiração à construção de permanências ou mesmo tende à intemporalidades (Simmel, 2011). O dinamismo pulsante da vida entra em contradição com a ininterrupta inclinação à conservação da forma. Há uma espécie de disputa entre formas, de maneira que no momento em que uma forma se estabelece, já existe alguma outra que tenta emergir e busca tomar posição em relação à forma anterior. A vida se perfaz na contínua transformação de suas formas e, assim, se move “entre os polos de morte e renascimento, de renascimento e morte” (Simmel, 2011: 84). Portanto, a vida se rebela contra um processo de produção de formas o qual ela mesma cria, em uma tentativa de ultrapassar os limites circunscritos por formas rígidas. A contenção da vida em forma é insatisfatória, já que a vida transborda as formas. Isto é, a vida nunca poderá tomar o lugar da forma enquanto tal, porque a vida transcende a forma. A contradição aqui se situa justamente no fato de a vida ser a antítese da forma, mas, por outro lado, ela só pode ser descrita quando ganha alguma forma.

De que maneira as emoções, especificamente o sentimento como o amor, podem ser caracterizadas: como

formas ou conteúdos? De acordo com Simmel, as emoções são conteúdos, isto é, podem ser compreendidas como matérias de socialização, e assumem formas através da cooperação e colaboração, geradas pela interação entre os indivíduos. O amor, portanto, é uma das grandes categorias que dá forma ao existente (Simmel, 2006).

De maneira cronológica, o ser amado precisa, antes de tudo, existir e ser conhecido. Para Simmel (2006), a partir de então, não há uma mudança específica no indivíduo que será amado, mas sim, o ser que o ama passa a vê-lo de maneira distinta. O indivíduo amado é um produto original e unitário que não existia antes de haver o amor. A expressão “meu amor” faz jus a essa ideia, já que representa a produção desenvolvida pelo ser que ama em relação ao ser amado. As pessoas amadas são inseridas em uma categoria totalmente nova e diferente de uma situação em que há ausência de amor. “O objeto do amor não existe antes do amor, mas apenas por intermédio dele” (Simmel, 2006: 125). Quando fala “eu te amo”, o indivíduo simplesmente afirma amar um objeto de amor por ele mesmo criado.

A pessoa amada é diferente daquela que seria se não fosse amada. Para Simmel (2006), ainda que o indivíduo fosse amado por determinadas “razões” provindas de características pessoais, esses “motivos” situam-se em um nível bem diferente do local onde está o amor. “O específico do amor é excluir do amor existente a qualidade mediadora do seu objeto” (Simmel, 2006: 129). Quando o amor aparece realmente, as razões são trazidas afetivamente com a totalidade do ser em uma categoria totalmente nova em relação a que teriam se o amor estivesse ausente. Nesse sentido, o amor se torna uma categoria

primordial, não possuindo nenhum outro fundamento que ultrapassa a si mesmo. Na realidade, ao invés de o amor ser trazido pelo objeto, o amor vai em direção a ele.

O amor é o movimento que transporta um sujeito ao encontro do outro. E, o puro conceito do amor, o movimento que traz um sujeito ao outro, destacado da vida da espécie e que permanece como um sentimento essencialmente individual, situado inteiramente dentro do sujeito, é raro de ser visto. Simmel (2006) o chama de amor absoluto, cujo fundamento é duas bases de ação que se tornam expressões de um mesmo comportamento como a desconexão em relação a tudo que depende da espécie e a exclusão *a priori* de toda a substitutibilidade individual. É *a priori*, porque o amor absoluto não pode ser tratado como outro tipo de sentimento após a escolha ter sido realizada e a relação se ter reduzido a um único indivíduo.

O ser que ama se torna totalmente dependente do seu objeto de amor e fica exposto ao sentimento máximo de sofrimento quando ocorrem situações que põem fim a relação, como o desprezo e a traição. Nesse sentido, os indivíduos ficam demasiadamente induzidos ao sofrimento quando amam e se tornam muito infelizes quando perdem o seu amor. Por outro lado, apesar de ser um sentimento incerto, muitos orientam a vida com o amor como centro, sempre se debruçando na satisfação de amar e ser amado. Um amante é diferente do que era antes de ser amado, já que não é uma característica ou algo que emana dele que o faz ser objeto de amor, mas sim seu ser inteiro.

Fazer algum bem por amor apresenta um significado totalmente distinto de fazer algum bem por puro altruísmo. Segundo Simmel (2006), se um indivíduo satisfaz os desejos de uma pessoa, porque assim considera legítimo e conveniente, o exercício dessa legitimidade se constitui como objetivo final e a sua realização a única motivação. Por outro lado, se um indivíduo age da mesma maneira porque ama a outra pessoa, o estado a realizar se constitui como a meta final e, nesses casos, a motivação é o amor em si. O processo se inverte. Quando se age por amor, a tensão entre o “eu” e o “tu” diminui, pois há uma aproximação afetiva entre eles e o próprio querer-viver do ser que ama flui, rompendo com o hiato que o distancia do ser amado (Simmel, 2006). Já o caminho percorrido para realizar algo para uma pessoa que não se ama é muito maior, porque não há entre os dois essa ponte permeada pela afeição.

Simmel (2006) afirma que o amor está em um nível demasiadamente elevado para ser comparado a atividades fisiológicas, como a respiração, a alimentação ou ainda ao instinto sexual. Parece inútil, portanto, a tentativa de considerar o amor como um produto secundário, no sentido de que seria gerado por fatores psíquicos primários. De fato, o amor pode ser classificado como um sentimento de primeira ordem, ou seja, uma emoção que abre espaço para o estabelecimento de outras emoções diferentes. Outros sentimentos, como a fidelidade, por exemplo, se tornam importantes como uma forma sociológica de segunda ordem, ou seja, como um instrumento de relações já estabelecidas por outros sentimentos, como o amor (Simmel, 2004). Esses sentimentos de segunda ordem, portanto, podem ser concebidos como ele-

mentos que asseguram a manutenção de uma primeira relação, de um sentimento inicial, amor, ainda que existam outras forças em atuação.

Em geral, ao analisar o amor torna-se comum pensar diretamente em relações amorosas que envolvem a prática sexual, ou seja, as que, ao menos sob uma perspectiva mais tradicional, fundam uma família⁵. Não se deve confundir amor com pulsão sexual. Simmel (2006) deixa claro que no seio do que se chama de “atração entre os sexos” surge a prefiguração do amor. Mas, o que está por trás do arrebatamento, do desejo sexual e do prazer dos sentidos é a reprodução da espécie. E, certamente para Simmel (2006), o amor ignora totalmente isso. Quando a mera atração sexual vira amor, este sentimento se eleva ao reino do que é indiferente à vida, ignorando toda a procriação e mediação. Qualquer relação finalista a serviço do perpetuamento da espécie é estranha ao ser que ama. O amor não é um ponto de passagem, de maneira que o amante e seu sentimento estão muito aquém de ser um meio ou um caminho para algo. Ambos são um “ponto final” (Simmel, 2006: 136).

Para além desse amor vivenciado entre um casal apaixonado, há sentimentos amorosos entre pais e filhos, entre irmãos, entre amigos. Simmel (2006) afirma que o amor em si é um ato psíquico impossível de fragmentar ou de se explicar pela cooperação dos outros elementos. As inúmeras maneiras que a língua define o amor não contrariam a unidade fundamental de tal sentimento, mas, ao contrário, as reforça. Então, apesar da redundân-

⁵ Freud (2011) descreve esse tipo de amor como sendo amor genital, amor sensual.

cia, amor é sempre amor, no entanto as formas, as relações, criadas a partir de amor podem ser distintas.

Não se pode comparar, portanto, a relação estabelecida por uma mãe com seu filho com o tipo de relação existente entre um homem e uma mulher envolvidos em uma relação amorosa, por exemplo. Ambas se baseiam em formas diferentes. A relação da mãe com o filho se pauta especialmente no parentesco, ou seja, em critérios externos à relação propriamente dita. Já a relação amorosa romântica, a princípio, se baseia na confiança e no compromisso⁶. O casamento, a união, é uma relação cuja base é a satisfação emocional, o amor, derivada do contato próximo um com o outro. Há, nesse sentido, um elemento importante que permeia as relações amorosas românticas. Simmel (2006) menciona que quando a monogamia se tornou uma forma permanente de casamento, gerada por processos sociais e econômicos, certos sentimentos subjetivos somaram-se a ela. A entrada em vigor do casamento monogâmico levou em geral a sentimentos específicos como o amor por toda a vida. O nascimento de tal sentimento se tornou motivo para contrair o matrimônio. Assim, o amor foi consequência do casamento até o casamento se tornar fruto do amor.

Na próxima seção, analiso narrativas de mulheres acerca do amor que sentem por seus companheiros cumprindo pena de restrição de liberdade, tomando como

⁶ Giddens (2002) cria a noção de “relações puras”, as quais se baseiam em critérios internos à relação, já que existem somente pela retribuição que a ela própria pode dar. Nas relações puras, a confiança de não pode estar mais ancorada no parentesco, no dever social ou na obrigação tradicional, por exemplo. Ela deve se basear no compromisso que um indivíduo terá com o outro.

base as ideias de Simmel (2006) em relação a tal sentimento.

Amor no cárcere

São diversas as páginas de internet, as comunidades de redes sociais e os *sites* de discussão criados por familiares de presos, especificamente por companheiras dos internos. De fato, há uma infinidade de assuntos discutida nessas redes sociais, todos com diferentes teores envolvendo distintos grupos. As pessoas encontram nesses canais um meio de comunicação em que podem expressar gostos, opiniões, identidades e interesses, manifestando seus pensamentos e, ao mesmo tempo, sendo ouvidas (lidas) por outros.

Não tenho a intenção de discutir nesse trabalho a questão da formação de redes sociais e a internet. Por outro lado, torna-se importante tentar compreender por qual motivo essas mulheres expõem suas relações afetivas na rede para outras pessoas. Penso que a discussão sobre sistema prisional, principalmente a que se relaciona com familiares de presos, ganha um teor bastante específico nesse contexto virtual, justamente porque é um assunto pouco debatido nos diferentes grupos sociais, na mídia e no próprio âmbito de políticas públicas voltadas ao sistema penal. São trazidos à rede espaços de discussão criados e voltados aos familiares de presos, sendo que, em outros contextos, esses atores são basicamente ignorados pela sociedade e apresentam pouco espaço para debaterem os problemas relacionados ao sistema prisional.

Comunidade criada especialmente para nós guerreiras fiéis e originais que estamos na caminhada pelos nossos maridos e namorados... Pra todas aquelas que sofrem todo final de semana na fila de visita, na revis-

ta, viajando com ou sem filhos para visitar seus amores... Pra quem batalha e sustenta sozinha a sua casa, seus filhos e que se priva de muito pra dar um pouco do que tem pro ente querido que se encontra privado da sua liberdade (...) Quero desejar de coração a todas as guerreiras, muita força, fé e amor no coração pra conseguir superar as dificuldades, pois sei como essa vida é difícil.

Ao criarem redes sociais na internet, as mulheres entram em contato com outras pessoas em situação parecida com a que se encontram e, com isso, conseguem trocar suas experiências relacionadas ao sistema prisional. Ainda que não estabeleçam necessariamente um contato físico entre si, face a face, as mulheres desenvolvem uma espécie de solidariedade de grupo e, nesses locais da rede, dividem algumas das questões geradas a partir do contato que estabeleceram com o sistema prisional. O interessante é que as mulheres poderiam resguardar o fato de que possuem o parceiro preso e participar dos fóruns da internet sem expor essa questão delicada, conforme será descrito mais adiante. No entanto, tais mulheres escancararam essa informação publicamente, inclusive com a divulgação de fotos pessoais nesses sites. Ademais, fazem menção às unidades prisionais onde costumam visitar seus companheiros presos, expondo suas vidas privadas sem qualquer receio.

Mulheres com o marido privado de liberdade por favor me add no Orkut e vamos trocar ideias... bjs⁸

7

Disponível

em:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=115613762>. Acessado em 23 de julho de 2012.

8

Disponível

em:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=28398147&tid=2594488960116170720>. Acessado em 30 de julho de 2012.

Pelas informações contidas nessas páginas da internet, não se torna possível definir o perfil socioeconômico das pessoas que acessam esses locais. A única característica analisável é o sexo dos participantes desses grupos. Quase a totalidade dos locais na rede que visitei para elaborar esse texto foi construída por mulheres que esperam a liberdade do parceiro cumprindo pena de prisão. Esse dado corrobora com a percepção que venho desenvolvendo desde o início da minha pesquisa sobre o tema que diz respeito ao fato de serem as mulheres as responsáveis pela manutenção do vínculo afetivo com o encarcerado e não o homem. As mulheres, especialmente as companheiras dos presos, assumem para si a tarefa de cuidar e de fornecer apoio emocional abundante ao parceiro encarcerado. Mas, em uma situação contrária, a mulher é basicamente esquecida por seu companheiro se for penalizada à restrição de liberdade (ver Duarte, 2010). Por isso, há tantas comunidades de redes sociais formuladas por mulheres e não por homens sobre seus parceiros presos.

Em uma página da internet elaborada por uma mulher de preso, há a seguinte mensagem⁹:

A todos que sofrem por ter um amor preso (...) sei o quanto é dura essa caminhada e só quem realmente ama segue nela. No dia 27 de maio de 2009 a minha chegou ao fim com a liberdade do meu esposo mais, em 09/03/2011 Deus preferiu que ele ficasse longe de mim. Para os que ainda estão nela que tenham muita força e fé, pois nada é para sempre.

⁹

Disponível

em:

<http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=67543101&hl=pt-BR>.
Acessado em 17 de julho de 2012.

Abaixo desse trecho, foi montada uma pequena enquete com as perguntas: “Se você soubesse que seu amor ficaria 20 anos preso, até onde iria o seu amor? Até onde vai o limite do seu amor ou ele não tem limite?” Para esse questionamento, há quatro possibilidades de respostas: “caminharia com ele (o preso) até o fim”; “iria até onde dá”; “ficaria um tempo”; “desistiria, pois 20 anos é muita coisa”. Das trinta pessoas que participaram dessa enquete, 27 afirmaram que “caminhariam com o preso até o fim” e três mencionaram que “iriam até onde dá”. As demais opções não receberam votos.

Em outro grupo de discussão na internet elaborado por uma companheira de preso, há o seguinte trecho no qual uma mulher expõe os problemas que encontra por manter uma relação com um interno do sistema prisional¹⁰:

O que fazer quando alguém que vc gosta foi preso? me ajudem vcs ia visita-lo?

Analyze (sic) bem a situação em que vc. se encontra, O tempo que ele vai passar na cadeia e a gravidade do delito Vc. se garante sozinha ou precisa de um companheiro ao seu lado ? Como vc lida com a solidão, com a privação sexual ,com a perspectiva constante de humilhações de todo tipo que vc terá que enfrentar, ate para visita-lo. Com o estigma social de ser mulher de preso? Tudo isso e muito +++ sera parte da sua vida. Se vc. Apenas "gosta", salte fora, a barra e muito pesada... Se vc. AMA, enfrenta tudo e segue em frente. Bjs Ti !

(...) Claro q toda luta tem batalhas a ser vencidas, bate a solidão, carência, pensamentos negativos, mais

¹⁰ Disponível em: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061022144432AAiBCKM>. Acessado em 17 de julho de 2012.

(sic) o amor fala mais alto, e quando vc menos esperar tudo isso passa (...)

Essas falas são bastante reveladoras em relação às consequências que o sistema penitenciário pode trazer às mulheres de presos. Apenas o questionamento mostrado acima já explicita a tensão causada pelo cárcere em suas vidas. Caso não tivesse dúvidas em visitar seu companheiro encarcerado, a pessoa não precisaria expor seu problema aos participantes de um grupo de discussão. Ou estaria certa de ir visitá-lo, ou descartaria essa possibilidade. No entanto, a mulher busca avaliar a partir de outros pontos de vista, se compensa abrir espaço em sua rotina para os dias de visitação na penitenciária. Será que vale a pena visitar o companheiro na cadeia?

As respostas acima não foram às únicas fornecidas a esse questionamento. Busquei selecionar, dentre todas as opiniões dos participantes do grupo de discussão, aquelas mais relevantes a esse trabalho. Vários sentimentos estão em jogo nesse processo, sendo que o “amor” se torna crucial para avaliar a ida ou não ao cárcere. Há, nesse contexto, dois níveis de sentimentos: o “gostar”, relativamente depreciado, já que estabelece uma relação mais fraca e, portanto, pouco estável entre o casal; e o “amar” o qual baseia uma relação duradoura, forte e, por conseguinte, essencial para a manutenção do vínculo familiar durante o cumprimento da prisão. O mero “gostar” não é suficiente, “não compensa” frente aos problemas enfrentados pelos visitantes do sistema penal. Contudo, o “amar” ata os laços e fortifica as relações.

O meu (marido) está preso duas vezes, uma na modulada de Montenegro e outra no meu coração. Te amo, amor¹¹.

Os tipos de relações que as mulheres estabelecem com seus companheiros presos podem ser definidos como “puras”, já que, a princípio, não se encontram ancorados em critérios externos como o parentesco, a obrigação tradicional e o dever social (Giddens, 2002). Essas relações pressupõem um compromisso, mas não um compromisso externo a elas e sim, um comprometimento entre as pessoas envolvidas na relação. A relação é considerada “pura” justamente por ser movida pela motivação das pessoas que a formam e não por algum critério exterior a ela.

Segundo Giddens (2002), a confiança e a intimidade entre os indivíduos envolvidos em uma relação pura se tornam substitutivas das âncoras externas, características de outros tipos de relações. Para ganhar confiança é necessário ter intimidade e, ambas são gradativamente construídas, não sendo, portanto, constitutivas à relação. Apesar de o amor alimentar o compromisso, a decisão de cada membro da relação em se comprometer um com o outro se torna o ponto principal da questão.

Junto com as relações puras surge um questionamento reflexivo e contínuo sobre se o relacionamento está realmente bem e se as partes envolvidas nele estão satisfeitas. Essa dúvida passa a ser central, pois visa o equilíbrio e a reciprocidade entre os membros da relação (Giddens, 2002). No âmbito do sistema penitenciário, pode ser

¹¹ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=114787727&tid=5711880911753385990>. Acessado em 24 de julho de 2012.

difícil dar uma resposta positiva a essa pergunta, porque, em uma situação de encarceramento, torna-se complicado atar laços contínuos de intimidade e, conseqüentemente, a confiança entre o casal pode ficar prejudicada. As mulheres têm contatos raros com seus parceiros presos, visto que os encontros entre os dois se resumem a poucas horas dispersas em duas visitas semanais, conforme já mencionado. Além disso, em geral, somente uma dessas visitas semanais é dedicada ao contato íntimo entre os parceiros. A outra ocorre no pátio da unidade prisional em conjunto com as demais famílias de outros presos. Então, a privacidade do casal é drasticamente afetada com o encarceramento.

Eu sei que um dia a liberdade dele vai chegar, chega liberdade, chega; (...) eu não consigo tirar da cabeça a incerteza¹².

São constantes as falas das mulheres se referindo à saudade que sentem por seu companheiro e a necessidade de encontrá-lo¹³:

Eu amo alguém que está impossibilitado de sua liberdade... Mais (sic) meu amor é eterno nem o tempo nem a distância vai mudar meu amor por você. Te amo eternamente... Sempre vou esperar por você.

To com tanta saudade, uma preocupação que esta me enlouquecendo. Faz uns dias que eu num tenho um contato com meu amor, sem notícias, sem saber co-

¹² Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=32137014>. Acessado em 23 de julho de 2012.

¹³ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=24714387>. Acessado em 17 de julho de 2012.

mo tá.. tá mow veneno... Chorei o dia todo, mooo-ooooooooozão queria você aqui como. :(

Meu coração está gritando de felicidade. Meu amor saiu de saidinha pela primeira vez, depois de 8 anos fechado ficamos 6 dias como fosse um sonho.

Contudo, de acordo com as narrativas analisadas, graças ao amor as mulheres se tornam “guerreiras”. Tal sentimento as empodera. Fornece uma espécie de autoestima, pois o amor gera uma espécie de “força”, impulsionando-as a seguir em frente na “caminhada” pela espera da liberdade do parceiro, bem como as encoraja frente aos problemas relacionados ao sistema prisional.

(...) com certeza o sofrimento é grande mais por amor a ele sou capaz de ir às alturas mais sou guerreira e determinada e tenho certeza que vou vencer esse sofrimento (...) ¹⁴

No entanto, esse sentimento está claramente envolto por emoções quase purgatórias, como a dor, o sofrimento e a solidão. Uma das funções do isolamento imposta pela prisão é retirar os detentos de circulação de seus mundos socialmente significativos (Paixão, 1987). No entanto, isso não fica circunscrito aos internos na vida prisional, de maneira que as mulheres acatam os sentimentos de “privação” e “isolamento” vivenciados no cárcere por seus companheiros e trazem isso para suas vidas. Elas tomam para si os efeitos da sanção sofrida pelos companheiros, não porque efetivamente têm culpa de algo, mas por ambos “estarem juntos nessa”.

¹⁴

Disponível

em:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=28398147&tid=2594488960116170720>. Acesso em 30 de julho de 2012.

Eu nem acreditei quando fiquei sabendo: “cunhada o seu marido foi preso”. Fiquei sem reação porque ele tinha só semanas de liberdade e durante esse tempo passei momentos com ele de amor e carinho. (...) Meu ano de 2010 não será bom vou ter que ir em delegacia pra ver o amor da minha vida. (...) Estou pele e osso fumo cigarro compulsivamente peso 45 kilos (sic) com 21 anos pareço ter 12 porque não sou feliz sem ele. Acorda (sic) com ele sinto um vazio que causa arrepio procuro e está longe¹⁵.

Casada, com o coração atrás das grades¹⁶.

Pelas falas estudadas, esperar pelo companheiro, ainda que por 20 anos, não se constitui como um problema central para essas mulheres, porque elas amam. O amor parece sublimar tudo, inclusive o largo tempo de encarceramento do preso, “não havendo dias, nem meses, nem anos para quem ama”¹⁷. De fato, em todos os locais da rede que visitei, as mulheres mencionam as durações das penas, mas não o fazem com o intuito de mensurar ou caracterizar o crime cometido por seus companheiros. Elas apenas “contam nos dedos” o momento em que será decretada a liberdade deles e, com isso o tempo se torna um assunto de grande importância nesses sites da internet¹⁸.

¹⁵ Disponível em: <http://bondedasfrutas.loveblog.com.br/>. Acessado em 18 de julho de 2012.

¹⁶ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=16575268197189036650>. Acessado em 18 de julho de 2012.

¹⁷ Disponível em: <http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=67543101&hl=pt-BR>. Acessado em 17 de julho de 2012.

¹⁸ Disponível em: <http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=67543101&hl=pt-BR>. Acessado em 17 de julho de 2012.

Meu marido pegou 26 anos. Tem só um ano que ele tá na tranca... mais (sic) ae vou com ele até o final... Já puxou uma vez 8 anos e eu estive sempre do lado dele... Quem ama de verdade não abandona nunca!!!! Pro amor não tem limites.... Abraço pra todas as guerreiras que estão aí na caminhada.

A gente que já está nesta vida não somos mulheres de desistir do amor.

As mulheres expõem o sentimento pelo companheiro preso como se fosse um “amor maior”, ilimitado, porque é forte, denso, verdadeiro. É um amor que “ultrapassa as grades”¹⁹. As mulheres legitimam o que sentem dando um peso e magnitude maior a essa emoção. Esse sentimento se torna uma variável simbólica utilizada para determinar as ações realizadas por esses atores, porque, quando se ama, tudo decorrente desse sentimento parece ser válido. O amor não é mesmo “lindo”? Em geral, esse sentimento não é questionável, sendo socialmente aceito sem grandes discussões acerca dele. Quem ama, ama, e, em vista disso, não cabe qualquer dúvida a respeito de as mulheres continuarem uma relação afetiva com seu parceiro preso.

Não busco questionar o amor que as mulheres sentem em relação aos seus parceiros presos. De fato, em nenhum depoimento encontrado na internet, bem como em toda a minha pesquisa de campo, não conheci nenhuma mulher que não dissesse que ama seu companheiro. Todas elas traduzem esse sentimento como a motivação maior de todos os seus atos, assim como Simmel (2006) descreve que seja uma atitude natural ao ser ena-

¹⁹ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=114421616>. Acessado em 17 de julho de 2012.

morado. Mas, também se torna possível pensar que as mulheres acionam a todo o momento esse sentimento como uma forma de explicarem a si mesmas e aos grupos sociais a relação que estabelecem com seus companheiros presos. O amor não apenas motiva o ato, mas também o justifica. E as mulheres crêem que devem esse tipo de esclarecimento, porque o papel delas, isto é, ser “mulher de preso”, é muito complicado de ser desempenhado socialmente. As mulheres precisam lidar com o estigma produzido pela vivência com o ambiente prisional e, tal como já descrito, estão sujeitas ao processo de prisionização secundária (Comfort, 2003). Há uma espécie de contágio do rótulo do interno aos seus familiares e, em vista disso, é desempenhado um maior controle social e dos órgãos do sistema de justiça criminal sobre eles (Duarte, 2010a).

E o preconceito?? afss, uma porcaria, faço faculdade e ainda nem contei pra ngm q meu love está privado...sei lá, vai saber a reação do povo!²⁰

Em minha dissertação de mestrado analisei que muitas das mulheres são dependentes em vários aspectos de seus maridos (Duarte, 2010). Não que essa dependência seja substitutiva da confiança e da intimidade, necessárias à manutenção de uma relação pura, mas ela ancora a relação entre a mulher e o preso de uma maneira específica. Essa dependência se dá em diferentes esferas: no nível econômico, pois os homens, através da realização certas atividades ilegais dentro da prisão, como venda de drogas

²⁰ Disponível em: http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=28398147&tid=2529277354828456239&na=3&npr=2&nid=28398147-2529277354828456239-537900731_3550469808. Acessado em 30 de julho de 2012.

e comercialização de produtos proibidos entre os presos, como celular, ajudam no sustento da mulher; no nível social, pois alguns homens, pela posição que apresentam na atividade criminosa que exercem, podem apresentar certo prestígio no local onde circulavam e viviam em liberdade; no nível afetivo, pois, na maioria dos casos, os homens constituem família com a mulher, tendo filhos com elas. Só que, em nenhum grupo da internet analisado essas questões são dimensionadas nas narrativas das mulheres. Tudo se apresenta pautado pelo amor e ele parece preponderar sobre todas as coisas.

Adicionalmente, elas não discutem nas “comunidades” e nos *blogs* da internet o fato de os seus parceiros terem cometido um crime e, conseqüentemente, estarem cumprindo pena de prisão. Elas só expõem que os parceiros estão encarcerados, mas não dizem o motivo para tanto. A princípio, isso pode ser uma maneira de preservar o companheiro e a elas mesmas que talvez não queiram divulgar o crime cometido por seu parceiro. Mas, por outro lado, o discurso sobre o amor faz com que as mulheres abafem esse tipo de discussão, porque a consagração do amor prevalece sobre todas as narrativas encontradas na internet relacionadas a um companheiro preso. O amor se torna, portanto, uma das fontes de motivação e justificação das atitudes femininas em relação ao cárcere.

Qual o pior momento (da visita)?

Quando eu vou embora e deixo meu amor lá (na prisão) com aquela carinha de quem quero mais :S

Quando vou embora (da prisão) e deixo pra traz o grande e único amor da minha vida²¹

Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi analisar as narrativas de mulheres sobre o amor por seus companheiros cumprindo pena de restrição de liberdade. Utilizei fragmentos de páginas da internet criadas por tais atores, com o intuito de compreender como elas definem o amor por seus parceiros. Porém, antes da seção mais analítica, utilizei o ensaio de Simmel (2006) sobre o amor com vistas a definir conceitualmente essa emoção. Esse autor define o amor como conteúdo, como matérias de sociação, e tal sentimento ganha formas através da cooperação e colaboração geradas pela interação entre os indivíduos.

As relações estabelecidas entre as mulheres e seus companheiros presos podem ser consideradas “puras”, pois dependem de fatores internos a ela para vigorar, como a confiança e a intimidade. Entretanto, o cárcere impossibilita um contato íntimo prolongado, afetando o estabelecimento da confiança entre os parceiros. Nesse sentido, o amor aparece como um dos principais protagonistas da relação, pois esse sentimento ajuda a deixar as mulheres mais próximas de seus companheiros presos, apesar da distância impetrada pelo cárcere. O amor, então, se constitui como o movimento que transporta um sujeito em direção a outro.

Ao criarem redes sociais na internet, as mulheres entram em contato com outras pessoas na mesma situação em que se encontram e, com isso, conseguem trocar suas

²¹Disponível

em:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=114909650&tid=56994286328891> . Acessado em 24 de julho de 2012.

experiências relacionadas ao sistema prisional. Nesse contexto, o amor se apresenta nas narrativas das mulheres como fonte de empoderamento, força, garantindo a vivacidade e a persistência delas sobre a relação amorosa. Não que o sentimento que as mulheres de presos possuem seja de fato um “novo tipo de amor”, o que contrariaria as ideias de Simmel (2006). Mas, as mulheres legitimam o que sentem dando um maior peso e magnitude ao sentimento.

Pelas narrativas analisadas, percebe-se que o amor não é o motivo único das mulheres de presos, se constituindo também como uma das justificativas para que elas mantenham uma relação afetiva em um contexto estigmatizante como o prisional. O amor não motiva de forma absoluta o ato, mas também o explica. Então, ao mesmo tempo em que as mulheres mostram em suas narrativas que são rotuladas socialmente por causa do contato com a prisão, elas divulgam e expõem publicamente o envolvimento afetivo com um homem preso. O amor se torna, portanto, uma das fontes de motivação e justificação das atitudes femininas em relação ao cárcere.

Bibliografia

BEZERRA, Marcos Antonio Alexandre; ARAUJO, Eliany Alvarenga. 2011. *Reflexões epistemológicas no contexto do Orkut: ética da informação, sociabilidade, liberdade e identidade*. Perspectivas em Ciência da Informação. Volume 16. no.2 Belo Horizonte,.

COMFORT, Megan. 2003. *In the Tube at San Quentin. The ‘Secondary Prisonization’ of women visiting inmates*. Journal of Contemporary Ethnography, Vol 32 (1): 77-107.

_____, Megan. 2005. “*Partilhamos tudo o que podemos*”: *A dualização do corpo recluso nos romances através das grades*. Análise social. Vol. XLII (185): 1055-1079.

DUARTE, Thais Lemos. 2010. *Além das grades: análise das narrativas dos familiares de presos sobre o sistema penitenciário do estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.

_____, Thais Lemos. 2010a. *Análise dos procedimentos de revistas íntimas realizados no sistema penitenciário do estado do Rio de Janeiro*. Revista Sociologia Jurídica, v. 1, p. 10.

FREUD, Sigmund. 2011. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.

GIDDENS, Anthony. 2002. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

LEMGRUBER, Julita. 1999. *Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres*. 2.^a ed., Rio de Janeiro: Forense.

MAGALHÃES, Carlos Augusto Teixeira. 2006. *O crime segundo o criminoso: um estudo de relatos sobre a experiência da sujeição criminal*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.

PAIXÃO, Antonio Luiz. 1987. *Recuperar ou punir? Como o Estado trata o criminoso*. São Paulo: Cortez: Autores associados.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. 2010. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

SIMMEL, Georg. 2006. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes.

_____, Georg. 2006a. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____, Georg. 2004. *Fidelidade e gratidão e outros textos*. Lisboa: Relógio D'água Editores.

_____, Georg. 2011. *Religião - ensaios*. Volume 2. São Paulo: Olho d'água.

_____. Georg. 1983. *Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura e formal*. In: MORAES FILHO, Evaristo de (orgs.). Sociologia: Simmel. São Paulo: Ática.

_____. Georg. 1983. *O problema da sociologia*. In: MORAES FILHO, Evaristo de (orgs.). Sociologia: Simmel. São Paulo: Ática.

THOMPSON, Augusto. 1993. *A questão penitenciária*. 4º ed. Rio de Janeiro: Forense.

_____, Augusto. 2004. *Sistema prisional*. In: Discursos sediciosos. Rio de Janeiro. Crime direito e sociedade. n° 13.

*

Abstract: The aim of this study is analyze the woman narratives about love for this arrested husband. I use internet page fragments created by these actors, with the objective of understanding how they define the love for their partner. Before I analyze the empirical material, I use the Simmel study about love to define conceptually this emotion. By the analyzed narratives, the love is not the only reason for these women to act, being also a justification for them to keep an affective relationship in a stigmatizing context as the prison. The love doesn't motivate in the absolute way the act, but also explains. **Keyword:** woman arrested, penitentiary system, love, motivation.

